

Levando em conta estes fatos básicos, trazemos em três idiomas um artigo de **Damodar Mavalankar** que coloca com clareza a relação direta entre a **vida moral das civilizações** e os **ciclos geológicos naturais do planeta**. É o seguinte:

[A Ética Humana e os Terremotos](#)
[Human Ethics and Earthquakes](#)
[La Ética Humana y los Terremotos](#)

A este artigo o estudante pode relacionar por curiosidade um fragmento de poema de [José de Alencar](#), intitulado “[Os Filhos de Tupã](#)”. O poema inacabado menciona os abalos do eixo da Terra. O tema é examinado com algum detalhe no texto de introdução aos versos de [Alencar](#).

Em inglês, uma análise mais detalhada do processo da mudança de polos no planeta pode ser encontrada aqui: [Change in the Poles of Our Planet](#).

Segundo a filosofia esotérica, assim como há uma kundalini individual, há uma kundalini planetária, e as duas estão relacionadas.

É sabido que todos temos uma relação pessoal com o Sol, com a Lua e outros planetas. A Astrologia demonstra isso de modo cabal. Mas nem todos lembram que temos também uma relação pessoal viva, aqui mesmo, com o planeta em que vivemos. O magnetismo deste corpo celeste chamado Terra, isto é, a sua vida, gira em torno dos seus polos. A complexa relação individual direta de cada cidadão com os polos terrestres é abordada na teosofia clássica.

Uma miniatura dos dois polos está presente em cada ser humano. A interação magnética entre eles, também. A vida é magnetismo: a autodeterminação e o autotreinamento de cada peregrino no Caminho da Ética têm um caráter decisivo, para si mesmo e para outros.

Todas as catástrofes - sejam naturais como terremotos e furacões ou artificiais como guerras, desmatamento ou violência nas ruas - estão relacionadas com o grau de moralidade das civilizações e dos indivíduos atuais. As principais religiões do Oriente e do Ocidente afirmam este princípio básico inevitável.

O que fazer?

Em meio às dificuldades, cabe trilhar o caminho dos Sábios, aceitar com paz interior o processo de crise e renascimento, e abrir espaço para o futuro saudável. (CCA)

NOTA:

[1] Veja o tema do efeito borboleta e a citação de Simon, o Justo, em [Fazendo o Que Depende de Nós](#).

000

Leia mais:

* [Calamidades e Bênçãos no Século 21](#).

* [A Teosofia e o Pralaya do Ocidente](#).

000

Pergunta de um Leitor Atento: **É Possível Deixar de Lado o Egoísmo?**



Tem grande importância, no estudo de teosofia, o diálogo franco com os companheiros de caminhada.

Dias atrás, lendo um texto nosso, um leitor amigo examinou esta citação das Cartas dos Mahatmas:

“Só aquele que tem amor à humanidade em seu coração, que é capaz de compreender completamente a ideia de uma Fraternidade prática e regeneradora, tem o direito à posse dos nossos segredos. Só ele, um homem assim - jamais fará mau uso de seus poderes, e não haverá receio algum de que os dirija para fins egoístas. Um homem que não coloca o bem da humanidade acima do seu próprio bem não é digno de se tornar nosso *chela* - não é digno de elevar-se em conhecimento mais do que o seu vizinho.” [1]

Depois de ler estas linhas, o leitor escreveu-nos uma mensagem inteiramente sincera. Admitiu que não estava preparado para optar pelo altruísmo. A sua preocupação era consigo mesmo, mais do que ele gostaria. E fez uma pergunta. Queria saber qual será, então, o caminho para os que, como ele, ainda estão presos ao egoísmo, porque não compreendem a lei da fraternidade ensinada pelos mestres. Reproduzo a seguir a resposta.

Obrigado. Reconhecer o egoísmo em si mesmo, observando calmamente como ele funciona e como ele gera um sofrimento incessante, constitui um grande passo à frente, e um dos primeiros passos, por parte de todo peregrino.

Deste modo, você está de parabéns por perceber o quanto falta avançar.

A caminhada começa aprendendo a respeitar a verdade. O realismo e a humildade são duas formas externas da bênção divina. No momento certo, irá nascer uma decisão firme de melhorar a si mesmo, e assim sair do campo cármico do egoísmo, que é infeliz e pouco iluminado. Toda luz espiritual é feita de altruísmo e generosidade.

(CCA)

NOTA:

[1] Carta 33 em “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, volume I, página 173. Na edição [em inglês disponível em nossos websites](#), p. [252](#).

000

Veja o artigo [O Conhecimento Está Além das Palavras](#).

000

Dostoievsky Ensina Teosofia **A Filosofia Eterna Segundo um Escritor Russo**



Fiódor Dostoievsky (1821-1881)

“Não creias que estar sentado em densas florestas, em orgulhoso retiro e afastado dos homens; não creias que viver comendo raízes e plantas, e matando a sede com a neve da grande Cordilheira - não creias, ó Devoto, que isso te levará à meta da libertação final.”

“A Voz do Silêncio” [1]

Em todas as religiões há um conjunto de atividades e padrões de conduta que visam o desenvolvimento espiritual de seus devotos. O jejum, a vida retirada, o altruísmo, a contemplação, e tantos outros aspectos do ascetismo, são comuns às mais diversas filosofias

espirituais. A forma que essas práticas tomam diferem, mas essencialmente elas são iguais. “...Ramos e galhos surgem do mesmo tronco: a RELIGIÃO DA SABEDORIA”, todos são “filhos de uma mesma mãe”, conforme ensina H.P. Blavatsky em “A Chave da Teosofia”. [2]

O estudo teosófico permite ver o que há de comum entre as diversas religiões e filosofias espirituais, deixando para trás a letra morta que distorce e o véu que encobre a Verdade Universal.

Através da leitura de alguns textos publicados pelos websites associados, percebemos a marca do ascetismo nos exemplos de vida de Santo António de Lisboa e de São Francisco de Assis, bem como em seus ensinamentos. E o ascetismo, com outras vestimentas, está presente na vida e nos escritos de Blavatsky.

Todas as religiões e nações têm seus ascetas, indivíduos que levam uma vida contemplativa e que se entregam a práticas espirituais como meio de purificar o mundo e a si mesmos e de elevar suas almas até o reino divino.

Em “A Voz do Silêncio” vemos que, nas notas de rodapé escritas por HPB, Lanu - o discípulo - é referido como “asceta”. E essa mesma obra teosófica resume o longo caminho que leva à libertação, à elevação, ao dever buscado pelo asceta.

A Teosofia é contra o ascetismo cego. Em vez de mortificar o corpo e órgãos dos sentidos, a teosofia propõe o mais elevado ascetismo moral. O corpo e os órgãos dos sentidos devem ser usados com respeito, prudência e discernimento. Eles não devem ser descartados, pois são instrumentos que permitem ao peregrino avançar no caminho do altruísmo e da sabedoria.

O autoaperfeiçoamento e a transmutação da alma humana não ocorrem castigando o corpo físico. Não é o deixar de comer que purifica a alma humana, nem é o permanecer horas a fio na mesma posição que transforma um tolo em sábio.

A libertação final, como percebemos através do estudo teosófico, surge quando o peregrino se liberta de todo e qualquer egoísmo em sua natureza. A verdadeira libertação significa renunciar à bem-aventurança eterna para trabalhar pela libertação e elevação da humanidade.

As práticas do ascetismo precisam ser aplicadas com equilíbrio, e Blavatsky chama a nossa atenção para esse fato:

“...Esses meios devem ser usados inteligente e ajuizadamente, e não às cegas e sem discernimento; como um atleta que se exercita e se prepara para uma grande luta, não como o avaro que se mata de fome até ficar doente, para poder satisfazer sua paixão de ouro.” [3]

Ao longo dos séculos, os ascetas têm sido considerados por vários povos como uma fonte de sabedoria, de paz, inspiração e de alento. E devido ao seu importante papel na sociedade, papel esse que apesar de invisível e silencioso alimenta espiritualmente o mundo, suas vidas e influência são narradas em várias obras literárias, seja de forma histórica e factual, seja de forma ficcionada. É o que ocorre em “Os Irmãos Karamázov” [4], de Dostoievsky.

Dostoievsky tem a capacidade de sempre surpreender o leitor com o seu talento para decifrar a alma humana. Os personagens de seus romances e contos são de uma riqueza psicológica notável. As histórias que conta podem criar inquietação, revolta, alegria, tristeza e também

contentamento. É impossível que o leitor não se identifique com um ou outro aspecto de algum de seus personagens.

Sendo Dostoievsky um leitor do livro da vida e da natureza humana, ele demonstra reconhecer o papel que os místicos, os santos e os verdadeiros ascetas têm na sociedade através do personagem do stárets Zossima.

O primeiro significado da palavra “stárets” é “ancião”. No cristianismo ortodoxo oriental o stárets é um monge que desempenha o papel de conselheiro e professor em mosteiros ortodoxos. O stárets é um guia espiritual que adquire sabedoria através da prática da virtude, da experiência e da intuição. Alguns stártsi (plural de stárets) têm o dom da cura e de realizar profecias e são procurados pelos devotos ortodoxos como confesores, curadores e conselheiros.

O livro 6 (ou parte 6) de “Os Irmãos Karamázov” tem como título “O Monge Russo”, e nele Dostoievsky defende a importância da espiritualidade na saúde dos povos, das nações e do mundo. Há nesse livro passagens de grande profundidade e beleza que somam com os ensinamentos teosóficos.

Dostoievsky, conhecido por alguns como um escritor que apresenta em seus livros os aspectos mais escuros da natureza humana, afirma através do stárets Zossima:

“... A vida é alegre, a vida é feliz! (...) A vida é um paraíso e todos estamos no paraíso, só que não queremos saber disso, porque, se quiséssemos saber, amanhã mesmo seria o paraíso em todo o mundo.” (p. 362)

Aquele que estuda teosofia sabe que o céu não é algo que esteja distante. Carlos escreve que “o paraíso é fundamentalmente interior” [5]. A natureza divina, a natureza celeste, está presente em cada átomo. Temos céu e terra em nós. Estamos no paraíso, apesar de nem sempre haver consciência dessa realidade. A bem-aventurança nunca nos abandona, mas o ser humano tem renunciado constantemente a ela.

Lemos na edição de **O Teosofista** de outubro de 2021:

“É perfeitamente possível e talvez seja inevitável voltar à floresta primordial chamada de paraíso. Para isso, no entanto, cabe transcender a mente egocêntrica e alcançar outra vez a mente sagrada, a inteligência pós-dual, a consciência sintetizadora, criativa, que vive o contraste como coisa secundária e a unidade da vida como fato central.”

“De que modo se dá a transição de volta para o plano divino, enquanto estamos aqui na Terra? Como sempre, os pioneiros abrem caminho. Isso deve ser feito inicialmente na existência concreta de cada indivíduo que olha mais à frente, até que os bons exemplos passem a ser seguidos e o fenômeno comece a generalizar-se.” [6]

Quando um número significativo de indivíduos largar o egoísmo para abraçar o caráter sagrado e uno da existência, o mundo será um paraíso para todos. E essa é a missão de todo teosofista, seja ele cristão ou budista.

Ao contemplar a vida, entendemos que a existência é uma vasta rede de interajuda. Tudo se comunica. Tudo dialoga com tudo. A vida seria impossível sem cooperação. E se Dostoievsky escreve que “...todos se devem servir uns aos outros” [7], a filosofia esotérica afirma:

“Nada há de separado ou isolado no universo, e a ajuda mútua é a lei.”[8]

A verdadeira felicidade nada tem a ver com fatores externos. Ela é interna e tem suas raízes naquilo que é divino. Dostoievsky interroga:

“Para que havemos de contar os dias se até um dia chega para o homem conhecer toda a felicidade?” (p. 363)

Um instante do tempo terreno pode corresponder a uma eternidade quando estamos em união com a alma espiritual.

Muitos cristãos acreditam que depois da morte conhecerão a felicidade divina e eterna e isso explica as palavras de Dostoievsky. O céu dos cristãos tem pontos em comum com aquilo que se chama em filosofia esotérica de Devachan - um estado abençoado de pura felicidade que ocorre entre duas encarnações. E, segundo a filosofia esotérica, “deixando de existir para o mundo psicológico do egoísmo, abrimos as portas do devachan enquanto estamos ainda no plano físico”. [9]

O caminho espiritual corresponde ao caminho da renúncia ao egoísmo. E nessa jornada há altos e baixos, passos firmes e também alguns tropeços. Tudo isso é valioso quando encaramos a vida como um aprendizado da alma e quando a vontade de avançar fica fortalecida.

Os sofrimentos e as coisas desagradáveis pelas quais cada um passa podem deixar marcas de amargura. No entanto, como ensina Dostoievsky através do seu personagem Zossima, “até da família menos boa é possível guardar recordações preciosas, se tivermos alma para procurarmos o que é precioso.” (p. 364)

Sem fechar os olhos para as falhas e os erros, devemos alimentar o que é bom, belo e verdadeiro, lembrando que o valor não está nas coisas para as quais olhamos, mas na nossa alma.

Alguns indivíduos ignoram os deveres maiores que cabe ao ser humano cumprir: servir o seu eu superior, servir a vida, o propósito divino. Mas como bem lembra Dostoievsky:

“Qualquer plantinha, qualquer bichinho, uma formiga, uma abelhinha dourada - todos eles conhecem espantosamente o seu caminho e, sem ter o uso da razão, testemunham do mistério divino, realizam-no eles mesmos permanentemente...”. (p. 368)

Aos poucos os indivíduos vão percebendo que cumprir os deveres da alma é aquilo que permitirá expandir a alegria e a paz interiores. Caímos, levantamos, rimos e choramos através das lições que a vida, com seus mistérios, coloca diante de nós. As lágrimas e os sorrisos, os ganhos e as perdas, não visam tornar melhor ou pior um indivíduo quando comparado a outro. Tudo isso serve para que ele aprenda, cresça, se realize como um ser que é, além de humano, divino.

Na LIT tratamos de espalhar os ensinamentos teosóficos pelo mundo. Pegamos nas sementes e as jogamos no solo da alma humana. Aprendemos que esse trabalho deve ser exercido com desapego em relação quer ao plantio, quer à colheita. Jamais devemos desanimar se as sementes parecem não germinar, pois como bem diz Dostoievsky:

“...Se a semente cair na alma do homem simples, não morrerá lá, viverá na sua alma durante toda a vida, esconder-se-á dentro dele mesmo (...) como um ponto luminoso...” (p. 367)

E podemos acrescentar a essas palavras, os seguintes ensinamentos do texto “Raja Ioga na Parábola do Semeador”:

“Nenhum solo é totalmente árido. Nenhuma semente fracassa por completo. A maior parte dos resultados é invisível. Muitas sementes irão brotar na próxima encarnação das pessoas envolvidas, ou dentro de dez ou vinte anos, em situações que o semeador não pode nem precisa prever.” [10]

Os estudantes de teosofia dedicam-se ao cultivo da virtude na alma humana praticando o ascetismo moral. Dostoievsky esclarece:

“Nunca procures recompensa, porque já é grande a tua recompensa na Terra: a tua alegria espiritual, que apenas o justo pode obter.” [11]

Os teosofistas semeiam as sementes da esperança, do altruísmo, da lucidez, da fraternidade universal. É um trabalho silencioso, feito por poucos, e quase sempre invisível aos olhos do mundo.

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] [“A Voz do Silêncio”](#), Helena P. Blavatsky (Ed.), [Aforismo 132](#).

[2] [“A Chave da Teosofia - 01”](#), Helena P. Blavatsky.

[3] [“A Chave da Teosofia”](#), de Helena P. Blavatsky, p. 242.

[4] “Os Irmãos Karamázov”, de Fiódor Dostoievsky, Volume I, Editorial Presença, Barcarena, Portugal, 2022, 401 pp.

[5] Do artigo [“Superando o Erro de Rousseau”](#).

[6] Do texto [“As Árvores, os Rios e o Ser Humano”](#), publicado em “O Teosofista”, outubro de 2021, p. 9.

[7] “Os Irmãos Karamázov”, de Fiódor Dostoievsky, Volume I, p. 362.

[8] Do artigo [“A Essência do Futuro Humano”](#).

[9] Do texto [“Vida, Morte e Iluminação”](#), de Carlos.

[10] [“Raja Ioga na Parábola do Semeador”](#), texto de Carlos.

[11] Dostoievsky em “Os Irmãos Karamázov”, Volume I, p. 398.

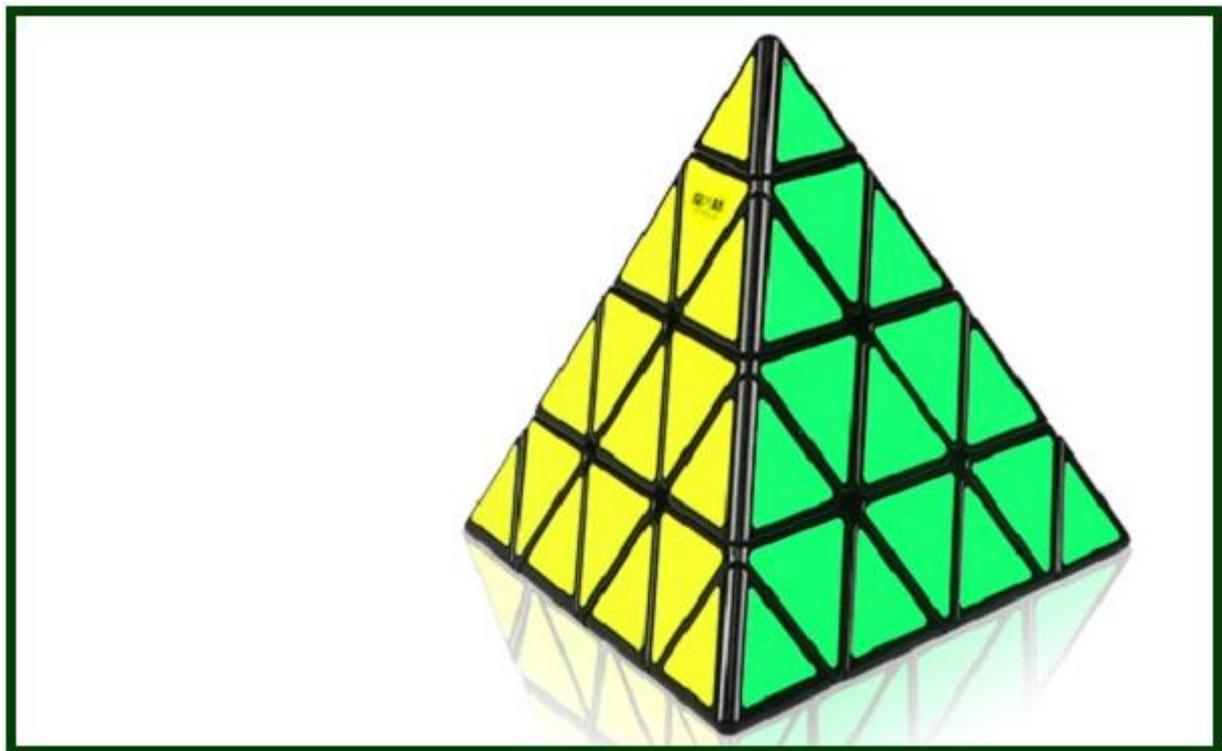
000

O texto acima fez parte de um estudo coletivo da Loja Independente de Teosofistas realizado em fevereiro de 2023. A ilustração do artigo é uma pintura de Vasily Grigorevich Perov.

Leia também “[O Eslavofilismo e a Teosofia](#)”.

000

Abrindo Caminho Para Avançar **Uma Tríade: Autoconhecimento, Estudo** **Teosófico e Trabalho pela Humanidade**



A filosofia esotérica ensina que, uma vez desperto o aprendiz, o estudante muda a forma como olha para cada acontecimento que lhe chega. Sua visão é ampliada pela compreensão gradativa que proporciona o estudo regular de teosofia.

Carlos relata um conselho dado por seu pai:

“Olha para o horizonte. Olha para o alto, lá para a frente. Mantém dentro do teu campo de visão os metros de calçada imediatamente à frente, mas olha para longe”. [1]

O ponto de vista faz toda a diferença no autodesenvolvimento humano. Ter visão ao longe permite ver o roteiro completo. Manter em vista a jornada inteira possibilita rumar numa mesma direção.

Sendo “bandeirante” de si mesmo, o aprendiz é convidado a desbravar, explorar e expandir seus limites internos, mapear suas emoções, observar seus pensamentos e tornar-se mais leve. As dificuldades se farão presentes mas são as pequenas vitórias que constroem vitórias maiores. Orientando um estudante, Robert Crosbie escreveu:

“Decida-se a continuar como você está durante cem vidas, se necessário, *e continue*. Os obstáculos devem ser vencidos, se queremos que aquilo que é obstaculizado ocorra. Todo o outro estudo é bom, necessário e preparatório. *Unidade-Estudo-e-Trabalho* são a trindade neste plano. *Universalidade, Sabedoria e Serviço* formam a trindade superior.” [2]

Entendo aqui unidade como ser presente, alinhado, em busca da integridade. Em outras palavras, autoconhecimento, estudo teosófico e trabalho pela humanidade. Esta é a tríade da Loja Independente de Teosofistas.

Na Carta 44, o Mestre escreve para Sinnett:

“Em nossa doutrina você sentirá a necessidade de seguir o método sintético; terá de abarcar o todo, isto é, fundir o macrocosmo e o microcosmo: antes de estar capacitado para estudar as partes separadamente ou analisá-las de modo proveitoso para sua compreensão.” [3]

Cada estudo, experiência, obstáculo, imprevisto ou “boa sorte”, são melhor compreendidos quando vistos à luz da jornada luminosa da alma. Carlos conclui no texto citado:

“Eu percebi que o conselho [*de olhar ao longe enquanto caminhava*] não era só físico. E anos depois compreendi que, quando a gente tem uma meta clara e elevada, e ela não é imediata nem estreita, não nos abalamos muito com coisas pequenas de curto prazo, sejam elas ‘agradáveis’ ou ‘desagradáveis’.” [4]

Lições valiosas são muitas vezes assimiladas em momentos difíceis, sendo fonte de gratidão e sem espaço para drama. Cada aprendizagem ganha sentido ampliado quando colocada num contexto maior.

(Arnalene Passos do Carmo)

NOTAS:

[1] Texto “[O Olhar ao Longe, a Visão Ampla](#)”.

[2] Texto “[A Pedagogia do Autoconhecimento](#)”

[3] Carta 44, “Cartas dos Mahatmas”, vol. I, Ed. Teosófica, Brasília, p. 197.

[4] Texto “[O Olhar ao Longe, a Visão Ampla](#)”.

000

O artigo acima foi apresentado pela primeira vez durante um estudo da Loja Independente de Teosofistas em fevereiro de 2023.

000

Casa do Saber **Uma Bela Iniciativa**



Douglas Rodrigues, morador de rua em Belo Horizonte, trabalhava com reciclagem e percebeu que os livros encontrados no lixo poderiam ser colocados à disposição para leitura dos cidadãos em geral. Ele e alguns colegas dormiam na esquina das avenidas Silva Lobo com Barão Homem de Melo.



Começou a expor os livros ali mesmo, debaixo da árvore onde dormia. Com o tempo, construiu uma “casa” e foi aumentando a exposição. A comunidade abraçou a causa e a CASA DA ÁRVORE ficou conhecida na região. Em 2017, um incêndio destruiu em torno de 3 mil livros.

O poder público tentou removê-lo de lá. A comunidade se mobilizou e exigiu que a prefeitura construísse uma estrutura para os livros. Um ano depois nascia A CASA DO SABER, um projeto cultural integrado e amparado pela comunidade.



A “[Casa do Saber](#)” está localizada em Nova Granada, na Região Oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os interessados em visitar e usar esta biblioteca ao ar livre podem pegar um livro, levá-lo para casa, devolvê-lo, ou colocar outro em seu lugar. (APC)

000

Preservar e Purificar: **Sobre Vishnu e Shiva-Rudra**

Shiva-Rudra é o Destruidor, assim como Vishnu é o Preservador; e ambos são os regeneradores da natureza espiritual, tanto quanto da natureza física. Para que uma planta viva, a *semente* deve morrer. Para viver como uma entidade consciente no Tempo Eterno, as paixões e os sentidos do ser humano devem MORRER antes que o seu corpo morra.

A frase “viver é morrer e morrer é viver” tem sido pouco compreendida no Ocidente. Shiva, o *destruidor*, é o *criador* e o Salvador do homem espiritual, e também é o bom jardineiro da natureza. Ele elimina as ervas daninhas das plantas, humanas e cósmicas, e mata as paixões do ser humano físico, trazendo à vida as percepções do homem espiritual.

(Helena P. Blavatsky)

[Traduzido da nota de rodapé da página 459 no volume I de “[The Secret Doctrine](#)”.]

000

Clique para ler: **Os UFOs e a Teosofia** **Seres Extraterrestres Já Podem** **Deixar de Lado os Efeitos Especiais**

000

Os Quatro Pontos Cardeais Em Uma Caverna da Ásia Central



...A religião primitiva era algo melhor do que uma simples preocupação com fenômenos físicos, conforme foi destacado por Schelling. Princípios mais elevados do que nós, saduceus modernos, sabemos, “estavam ocultos sob o véu transparente de divindades meramente naturais como o trovão, o vento e a chuva”. Os antigos conheciam os elementos *corporais* e os elementos *espirituais* nas forças da natureza, e sabiam distinguir uns dos outros.

O quádruplo Júpiter, assim como o Brahmâ de quatro faces - o deus aéreo, fulgurante, terrestre e marinho - o senhor e mestre dos quatro elementos, pode atuar como representante dos grandes deuses Cósmicos de todas as nações. Ao transmitir o poder sobre o fogo para Hefesto-Vulcano, sobre o mar, para Poseidon-Netuno, e sobre a terra, para Plutão-Aidoneus, o AÉREO Jove era todos estes deuses; porque o ÉTER, desde o início, tinha preeminência sobre, e era a síntese de, todos os elementos.

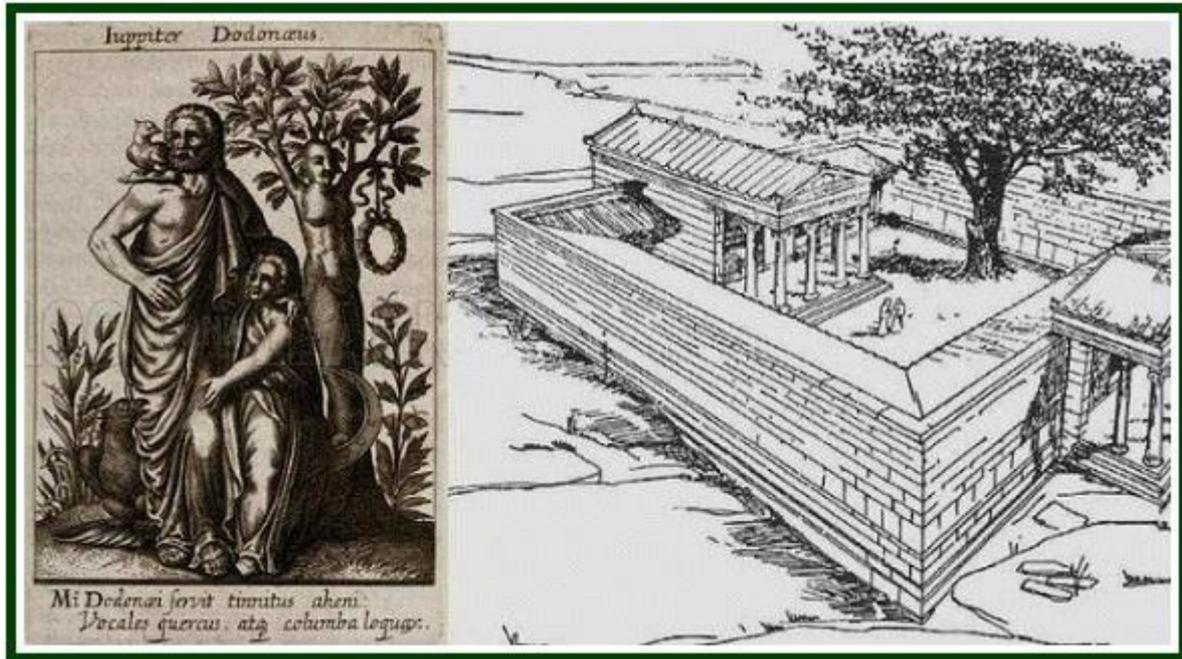
A tradição afirma que há uma gruta, uma vasta caverna nos desertos da Ásia Central, para a qual a luz se transmite por quatro aberturas ou fendas aparentemente naturais, situadas de modo cruzado nos quatro pontos cardeais do lugar. Desde o meio-dia até uma hora antes do anoitecer, a luz flui para o interior da gruta em quatro cores diferentes, conforme se afirma - vermelho, azul, laranja-dourado, e branco - devido a algumas condições da vegetação e do solo, sejam naturais ou artificialmente preparadas. A luz converge no centro em torno de um pilar de mármore branco sobre o qual há um globo, que representa a nossa Terra.

(Helena P. Blavatsky)

[Traduzido por CCA de “[The Secret Doctrine](#)”, vol. I, pp. 463-464.]

Do Deus Local ao Deus do Mundo

Helena P. Blavatsky em “A Doutrina Secreta”



Júpiter adotando a aparência de um ser humano, e o desenho de uma reconstrução histórica do seu santuário na cidade grega de Dodona

O *genius loci*- uma ideia bastante tardia das últimas sub-raças da quinta raça raiz, quando o significado primitivo e grandioso estava quase perdido - foi sempre o representante, através dos seus títulos acumulados, de todos os seus colegas. Era o deus do *fogo*, simbolizado pelo trovão, como Júpiter e Agni; o deus da *água*, simbolizado pelo touro fluvial ou algum rio sagrado ou fonte sagrada, como Varuna, Netuno, etc.; o deus do *ar*, manifestando-se no furacão e na tempestade, como Vayu e Indra; e o deus ou espírito da terra, que aparecia em terremotos, como Plutão, Yama, e tantos outros.

Estes eram deuses Cósmicos, sempre sintetizando todos em um, tal como vemos em cada cosmogonia ou mitologia. Assim, os gregos tinham o seu Júpiter de Dodona, que incluía em si mesmo os quatro elementos e os quatro pontos cardeais, e que era reconhecido, portanto, na velha Roma, sob o título panteístico de *Jupiter Mundus*; e que agora, na Roma moderna, se transformou no *Deus Mundus*, o único deus mundial, que foi forçado na teologia mais recente a engolir todos os outros - por uma decisão autoritária dos seus ministros especiais.

(Helena P. Blavatsky)

[Traduzido de “[The Secret Doctrine](#)”, vol. I, pp. 462-463. Veja a parte já publicada da primeira tradução da edição original de “[A Doutrina Secreta](#)” em língua portuguesa, que está sendo produzida pela [Loja Independente de Teosofistas](#).]

A Doutrina Secreta: **Trechos de Uma Oração Judaica**



Do magnífico poema religioso do rabino Cabalista Salomão Ben Gabirol no “Kether Malchuth”, nós selecionamos algumas poucas definições dadas nas orações do Kippur:

- * Tu és Um, o começo de todos os números, o alicerce de todos os edifícios; Tu és Um, e no segredo da Tua unidade os mais sábios dos homens se perdem, porque não a conhecem.
- * Tu és um, e a tua unidade nunca é diminuída, nunca é aumentada, e não pode ser alterada.
- * Tu és um, mas *não como um elemento de numeração; porque a Tua Unidade não admite multiplicação, mudança ou forma.*
- * Tu és existente; mas a compreensão e a visão dos mortais não podem alcançar a tua existência, nem determinar para Ti o Onde, o Como e o Por Que.
- * Tu és Existente, mas em ti mesmo apenas, e não há nenhum outro que possa existir contigo.
- * Tu és Existente, diante de todo tempo e sem Lugar. Tu és Existente, e a tua existência é tão profunda e secreta que nenhum ser pode compreender ou descobrir o teu segredo.
- * Tu estás Vivendo, mas não dentro de qualquer tempo que possa ser fixado ou conhecido; Tu estás Vivendo, mas não por um espírito ou uma alma, porque *Tu és tu mesmo, A ALMA DE TODAS AS ALMAS* (.....).

(Helena P. Blavatsky)

[Traduzido de “[The Secret Doctrine](#)”, volume I, p. 439, nota de rodapé.]

Ideias ao Longo do Caminho

Mudando a Direção do Carma Para Melhor



* **D**ois fatores centrais devem ser conciliados ao longo do caminho. Um deles é a necessidade de ter uma meta definida: um objetivo que valorize o plano físico mas vá além dele. Este sentido de direcionamento, para a frente e para o alto, deve ser constantemente revisto, reavaliado, e melhorado. Porém, se tiver sido bem escolhido, será fundamentalmente estável.

* O segundo requisito é a maior abertura mental possível para perceber todas as coisas nos diversos aspectos da vida, especialmente as ilusões da impermanência, nos planos inferiores de consciência, e as verdades eternas, nos níveis superiores.

* Geometricamente, estes dois fatores são como um ponto e um círculo ao seu redor. A combinação dos dois elementos permite ao peregrino ter firmeza e amplitude; conhecimento e capacidade de aprender; estabilidade com transcendência.

Mudar a Direção do Carma

* Existe uma passagem, nas Cartas dos Mahatmas, creio, em que um Mestre de Sabedoria fala da possibilidade de ele “encaminhar o Carma em outra direção”, de colocar os fatos num rumo diferente do rumo em que estavam. Quando li a passagem pela primeira vez, atribuí a mudança de rumo do carma aos poderes especiais que um Mestre possui. Muitos anos depois percebi que não havia necessariamente tal referência. Todos nós podemos “mudar a direção

do Carma” e até fazemos isso com alguma frequência, embora nem sempre tenhamos consciência disso.

* Todo estudante de teosofia, por exemplo, tem o privilégio de poder perguntar-se: “Qual é o princípio básico que organiza o meu carma e define o modo como ele se desdobra?” Analisar com calma a pergunta é mais interessante do que dar logo a ela esta ou aquela resposta. Um dos fatores decisivos no modo como se organiza o meu carma é a minha intenção central na vida.

* A maneira como o carma se organiza dá significado aos vários fatos e às diversas satisfações e sofrimentos, vitórias ou derrotas que temos. A meta básica deve combinar o plano físico, o vital, o emocional, o mental, o plano moral e o espiritual. É esta motivação profunda que coloca cada fato no seu lugar. Esta intenção oculta ou transcendente se desdobra em diferentes níveis de percepção, e abrange tanto o supraconsciente espiritual, como o subconsciente instintivo.

* A nossa tarefa é observar, purificar alquimicamente e elevar o modo como funciona a bússola da nossa alma, que define o rumo do carma. Em certas condições, esta *capacidade de orientação* produz vários graus de bem-aventurança e serendipidade. [1]

Uma Visão Mística do Mundo

* O pensador russo M.N. Katkov (1818-1887), editor dos artigos de H.P. Blavatsky em língua russa, escreveu:

* “Se olharmos para o Universo e tivermos que escolher entre uma de duas atitudes extremas, é mais fácil tornar-nos místicos do que niilistas. Em todo lugar, estamos cercados por milagres.” [2]

Firmeza e Abertura Mental ao Ler a DS

* Podemos ver nas edições originais de “A Doutrina Secreta” (DS) que Helena P. Blavatsky não uniformiza a grafia de inúmeros termos técnicos. Não há uma ortografia rígida. Um exemplo disso é a palavra “Parabrahman”, que HPB também escreve como “Parabrahmam”, terminando com “m”, ou mesmo como “Parabrahm”, omitindo a última vogal e a última consoante.

* É verdade que Boris de Zirkoff, na sua excelente edição da “DS”, tenta a uniformização deste e de outros termos.

* Na tradução luso-brasileira da obra, que está sendo publicada gradualmente online pela Loja Independente de Teosofistas, nós preferimos seguir a amplitude ortográfica adotada por HPB. Pensamos que há um sentido oculto no fato de não procurar a uniformidade nem a “total coerência” na forma externa dos termos. Trata-se de uma lição de flexibilidade mental, que nos permite reconhecer a forma aparente das coisas como algo secundário e concentrar-nos no conteúdo.

* O exagero da importância da forma externa é um dos principais problemas da mentalidade ocidental moderna. O desapego em relação à forma, combinado com a precisão das ideias e dos conceitos em si mesmos, está entre os pontos centrais da filosofia esotérica original.

* Por outro lado, numa filosofia que lida a todo momento com transliterações de termos vindos de idiomas cujos alfabetos são totalmente diferentes do alfabeto latino, uma certa flexibilidade ortográfica é inevitável.

* Em todos os aspectos do estudo espiritual, é preciso escolher o foco. Ou a prioridade está na precisão e na clareza das ideias e do conteúdo, ou a prioridade está na precisão e na clareza da letra morta das palavras.

* A questão é complexa e requer uma observação paciente dos fatos. A precisão e a clareza de ideias não excluem o carácter abstrato do ensinamento. Cabe saber que a clareza é necessária inclusive nos níveis em que o ensinamento é não-verbal, porque a clareza está sobretudo na mente do estudante, e não só na linguagem.

* Assim, enquanto houver ideias, elas devem ter a maior claridade possível, no plano do conteúdo. Embora não seja a maior prioridade, a clareza deve estar também no plano da forma, até onde isso é possível.

NOTAS:

[1] Leia o artigo "[Aspectos Sagrados da Serendipidade](#)".

[2] Do livro "Mikhail N. Katkov, a political biography", de Martin Katz, Mouton & Co., Haia, Paris, 1966, 195 pp., ver p. 15.

Novos Itens em Nossos Websites

A Deusa Kwan Yin e as Armadilhas da Personalização

Este é o informe mensal dos websites associados. [1]

Dia 17 de fevereiro havia 3152 itens em nosso [acervo](#), dos quais 22 estavam em [francês](#), 1413 em [português](#), 1410 em [inglês](#) e 285 em [espanhol](#). Havia 02 textos em [italiano](#), e 20 em [russo](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 19 de janeiro e 17 de fevereiro de 2023:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Теософ эпохи Водолея, февраль 2023** [*The Aquarian Theosophist*, em russo]
2. **O Conhecimento Está Além das Palavras** - Carlos Cardoso Aveline
3. **Las Decisiones Que Elevan el Alma** - Carlos Cardoso Aveline
4. **The Aquarian Theosophist, February 2023**
5. **Ideias ao Longo do Caminho - 46** - Carlos Cardoso Aveline
6. **El Teósofo Acuariano 015, Febrero de 2023**
7. **Thoughts Along the Road - 66** - Carlos Cardoso Aveline
8. **Ideias ao Longo do Caminho - 45** - Carlos Cardoso Aveline
9. **O TEOSOFISTA, Janeiro de 2023**

Este mês a produção de artigos ficou menor, devido às limitações de agenda dos editores. O centro do esforço foi a preparação de novos capítulos para a edição luso-brasileira de "A Doutrina Secreta", que ocorre passo a passo.

